

INTEGRALISMO ‘RACIAL’: a figura do judeu no projeto nacional brasileiro de Gustavo Barroso

‘Racial’ Integralism: the figure of the Jew in Gustavo Barroso’s Brazilian National Project

Cícero João da Costa Filho¹

Artigo recebido em: 26/08/2019.

Artigo aceito em: 25/01/2020.

RESUMO

Gustavo Barroso (1888-1959) foi uma das figuras mais importantes do integralismo. Chefe de milícias, autor de significativa produção antissemita, seu projeto de Brasil se fundamenta na oposição ao judeu. Simpatizante dos estados fortes, afinado com os setores conservadores do Brasil dos anos 1930, Barroso pensou o país expurgado do que considerava ser ‘criação judaica’, como o liberalismo, marxismo ou o anarquismo. Seu projeto nacional, elitista e de combate às massas, partia de um Estado social cristão (uma democracia orgânica), no qual não cabia a presença dos anseios de pequenos grupos em detrimento dos verdadeiros interesses nacionais. Barroso pensará o Brasil tendo em vista a ideologia do movimento político e religioso do *Sigma*, que iria marcar sua produção bibliográfica como uma verdadeira campanha antissemita.

PALAVRAS-CHAVE: Gustavo Barroso, Marxismo, Liberalismo, Integralismo, Antissemitismo.

ABSTRACT

Gustavo Barroso (1888-1959) was one of the most important figures of integralism. Chief of militias, author of a significant anti-Semitic bibliographic production, his project of Brazil is based on the opposition to the Jew. He was a supporter of fascism states, aligned with the conservative sectors of Brazil in the 1930’s, Barroso thought that the country as it was purged of what he considered to be 'Jewish creations', such as liberalism, Marxism or anarchism. His national project was elitist and based on combating the popular trends, it was founded on a Christian social state (an organic democracy), in which there was no room for the desires of smaller groups to the detriment of true national interests. Barroso will think of Brazil through the ideology of the political and religious movement of *Sigma*, which would establish his bibliographic production as a true anti-Semitic campaign.

KEYWORDS: Gustavo Barroso, Marxism, Liberalism, Integralism, Anti-Semitism.

¹ Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Realizou os cursos de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é aluno do curso de Pós-Doutorado com a pesquisa “Do feixe à pena, um *fascista democrata: uma análise do Estado brasileiro na Obra Política de Miguel Reale (1931-1937)*”, sob a supervisão da Prof.ª Maria Aparecida de Aquino. Membro do Grupo de Estudos Sobre Integralismo (GEINT) da Universidade Federal Fluminense (UFF), criado pelo historiador Renato Alencar Dotta. E-mail: cicerojoaofilho@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2751924565465061>.

Introdução

É tacitamente reconhecido pela literatura integralista que Gustavo Barroso (1888-1959) assumiu abertamente posicionamento antissemita no movimento integralista. Embora parte dessa literatura não conceba o antissemitismo do escritor, ligado aos caracteres raciais, não se pode analisar a postura desse importante intelectual, militante e figura pública das mais proeminentes da época, sem descer à natureza de seu antissemitismo. Em seu clássico estudo, Hélió Trindade (1974) afirma que o antissemitismo foi tema secundário da Ação Integralista Brasileira (AIB), não passou de tática política para Gustavo Barroso chegar à chefia do movimento, confrontando-se com o líder Plínio Salgado (1895-1975). O certo é que, desde a década de 1990, com o estudo de Maria L. Tucci Carneiro (1995), o tema do antissemitismo despertou uma série de pesquisas em meio aos infinitos olhares sobre a temática do integralismo, tangenciadas por metodologias peculiares aos seus objetivos e problemas.

Nosso propósito é oferecer uma leitura sobre a natureza do antissemitismo de Barroso, mostrando a sua postura racista, extremamente preconceituosa e de caça ao judeu, em seu projeto de Brasil, dos anos 1930. A partir da problemática apontada no estudo de Trindade, de que o integralismo seria um *fascismo à brasileira*, o que rendeu uma farta discussão historiográfica, lembremos que é no seio das discussões da AIB que, oficialmente, o antissemitismo surge como problema do Estado brasileiro.

Tema bastante conhecido por estudiosos, que se debruçam no movimento da AIB, reabilitando a figura de Barroso, é válido retomar as leituras iniciais do movimento criado por Plínio Salgado. O primeiro estudo no Brasil é o *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30* (1974), de Hélió Trindade, fortemente combatido por Chasin no seu livro *O Integralismo de Plínio Salgado* (1978). Comentários importantes são os de Antonio Candido (1978) e Florestan Fernandes (1979), no prefácio às obras de Chasin (1978) e Gilberto Vasconcellos (1979), respectivamente. Obras que abordam o movimento integralista são as de Hélió Silva (1971), Edgar Carone (1973),

Stanley Hilton (1977), Marilena Chauí (1978), Gilberto Vasconcelos (1979), Rene Gertz (1987), Antônio Rago (1989), Lesser (1995), dentre outros². Limitamo-nos a afirmar que o integralismo guardou em seu seio elementos da política fascista, como por exemplo, a ritualística militar e de imagem, a hierarquia, e, acima de tudo, a importância e a adoração ao chefe. Não falamos em Integralismo com o risco de obscurecer os posicionamentos divergentes de seus líderes (Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso), mas é inadmissível negar que apesar das diferenças ideológicas desses líderes existam traços singulares ao movimento de 1932. Em seu texto “O pensamento corporativo em Miguel Reale: leituras do fascismo italiano no integralismo brasileiro”, Fábio Bertonha é pontual quando afirma que

temos de tomar cuidado para não ver o integralismo como um aglomerado de correntes e grupos em choque, sem nada em comum. Por mais que disputassem poder e tivessem ideias, até certo ponto, diversas, as várias correntes integralistas se mantiveram, em essência, unidas até o fim com base em um mínimo comum. (BERTONHA, 2013, p. 270).

Neste primeiro momento, podemos afirmar que a figura de Gustavo Barroso não vai além do chefe de milícias dos camisas verdes, que assumiu uma posição abertamente antissemita nas hostes integralistas, conforme apontou Trindade. Respeitando o trabalho deste, e de todos que recuperam aspectos presentes na ideologia integralista, haja vista ser este um trabalho que analisa a influência do fascismo no movimento integralista, analisamos estudos mais próximos de nossa problemática, no caso, acerca da natureza antissemita de Barroso. Uma historiografia mais recente, mas já bem conhecida, é composta pelos trabalhos de Maria Luiza Tucci Carneiro (1995), Marcos Shor (1992), Eduardo Calaça (1992), Roney Cytrynowicz (1992), Carlos Augusto Nóbrega de Jesus (2006), Natália Reis (2004), Ivair Ribeiro (2007), Rodrigo Santos de Oliveira (2009), além de minha contribuição, oriunda da pesquisa do Pós-Doutorado, pela Universidade de São Paulo (USP), em 2017.

² Com relação a um trabalho específico sobre a evolução dos estudos do integralismo, é válido mencionar a excelente análise de Rodrigo Santos de Oliveira (2010), no qual aborda a evolução dos estudos integralistas. Outro estudo por demais importante é a coletânea *Estudos sobre o Integralismo* (2007), organizada por Giselda Brito.

Em sua produção integralista, na qual se presencia o ataque ao judeu, organizada nos anos 1930, observamos as considerações do escritor que concebe a imagem do judeu tanto como ‘povo’, apelando para aspectos morais de fundamentação religiosa e assimilando o imaginário de um ‘judeu errante’, ‘ateu’, contrário ao Cristo dos cristãos como também de um judeu como ‘raça’, algo problemático em Barroso, pois o integralista nunca admitiu que seu antissemitismo fosse racial, sendo moral, ético ou religioso.

Dessa forma, não há em Barroso um antissemitismo religioso, destituído de preconceito racial, como apregoa o chefe dos camisas verdes, visto que seu racismo deriva justamente de razões de ordem moral ou religiosa, como por exemplo, o fato do judeu não ter aceitado Jesus como o Messias. Como todo antissemita, o imaginário judaico para Barroso é de uma figura exploradora, usurpadora, responsável pela decadência das nações, sendo assim, de caráter anárquico, criador do liberalismo e do comunismo, sujeito que dominava a imprensa, que estava presente em redes de espionagem e terrorismo, negociando armas, estando até envolvido no tráfico e exploração de mulheres, como na famosa rede *Zwi Migdal*.

A produção bibliográfica sobre o escritor cearense reforça o militante integralista, não desconsiderando a importância deste no campo dos estudos folclóricos, sobretudo da região Nordeste, e da memória, salientando a admiração de um homem seduzido pelos regimes fortes, como o da Itália, Portugal e Espanha. Após os clássicos estudos de uma ‘primeira geração de pesquisadores integralistas’, como Gilberto Vasconcellos, Marilena Chauí, José Chasin, dentre outros, houve um *boom*, depois da década de 1990, enaltecendo as pesquisas regionais, como o trabalho de João Ricardo Caldeira (1999), Josênio Parente (1984). Ressaltamos ainda a significativa importância do trabalho do Grupo de Estudos Sobre Integralismo por meio de fóruns e eventos, a exemplo do simpósio regular nas sessões da Associação Nacional de História (Anpuh) ou das redes sociais, como blogs.

Construindo o Brasil dos anos 1930

A produção integralista de Gustavo Barroso se dá ao longo da década 1930. O escritor via o Brasil, do século XX, atravessando uma profunda crise. Extremo conhecedor da história do Brasil, homem pertencente às redes de intelectuais, que chegou ao Rio já famoso, portando o pseudônimo de João do Norte e também como figura pública, para o autor d'*A História Secreta no Brasil*, o país encontrava-se dividido, dominado e explorado político e economicamente por pequenos grupos de pessoas, que colocavam seus interesses acima dos nacionais. O modelo político que influenciou Barroso foi o de Estado forte, cujos nomes de Hitler e Mussolini³ são os maiores da história mundial. Em sua produção integralista, que Roney Cytrynowicz aponta onze livros, observa-se o combate à democracia oferecido pelo liberalismo, com suas premissas de igualdade, que para todos os integralistas era uma farsa. Trata-se de um modelo político extremamente complexo e minucioso, que precisamos tocar para que se possa entender a mudança do sistema liberal para um de democracia orgânica, somente possível a partir de uma revolução espiritual. Conforme aponta Barroso, os regimes fortes são, por excelência, espirituais, que vão de encontro ao materialismo do pensamento e da prática liberal, o maior causador dos problemas do Brasil e do mundo, pois

Precisamos de autoridade capaz de tomar iniciativas em benefício de todos e de cada um; capaz de evitar que os ricos, os poderosos e os estrangeiros, os grupos políticos exerçam sua influência nas decisões do governo, prejudicando os interesses fundamentais da nação. Precisamos de hierarquia, de disciplina, sem o que só haverá desordem. (BARROSO, 1935, p. 20).

Diante de tantos problemas causados pelos judeus, na ótica de Barroso somente o integralismo seria capaz de deter a decadência social, política e econômica brasileira, apenas a revolução integralista (espiritual e de renovação mental), contando

³ Retomamos a inacabada discussão que começou com a ideia de mimetismo do fascismo no Brasil, que tem início com o livro de Trindade, tenazmente combatida por José Chasin e pelo sociólogo Wanderley Correa dos Santos. Uma excelente leitura é a realizada por OLIVEIRA (2010, p. 118-138), no qual se trabalha as “fases” e os autores em suas respectivas posições ideológicas.

com a participação de todos os brasileiros, viabilizaria um “modo de ser, um modo de viver, um modo de sentir, um modo de pensar, um modo completo de considerar os problemas do homem, os problemas da sociedade, os problemas da nação, os problemas do Estado, em uma palavra – uma grande consciência coletiva” (BARROSO, 1934, p. 71).

Seguindo o *Manifesto de Outubro* (1932), escrito por Plínio Salgado, ser integralista exige coragem e sacrifício, característica da *mocidade brasileira*, que se embrenhava na luta a favor de um Brasil integral. Conforme apontava Barroso, a maior revolução de todas as revoluções, após a abolição da escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889), comparada apenas à revolução causada pelo cristianismo, as diretrizes integralistas se embasaram na cartilha para a superação dos males brasileiros. Apenas o integralismo seria capaz de salvar o Brasil do caos provocado pelo *capitalismo judaico*, que dividiu o país e acirrou ainda mais a *Questão Social*. Estava em curso o projeto integralista dos anos 1930 de Barroso, que considerava o judeu como o principal inimigo do país.

Integrante de uma geração de intelectuais, que enxergava a história realizada pelos grandes homens (as batalhas e a história política caracterizaram uma das vertentes da história positivista), Barroso se apodera de alguns heróis brasileiros para dar caráter de verdade a sua história e ao seu projeto de nação dos anos 1930. N’O *Integralismo de Norte a Sul* (1934), o herói Tamandaré assegurou o território nacional numa guerra em que o inimigo era o próprio homem americano, vítima de acordos diplomáticos gananciosos. Já na década de 1930, o maior inimigo para alguns setores conservadores, no qual pertencia Barroso, era a figura do judeu, sabendo-se que

o integralista precisa orar a Deus para que ele se amerceie do nosso país invadido pela lepra da politicagem, tomado pelo materialismo, infiltrado de judeus aventureiros e amorais que nos despejam a Alemanha hitlerista, os guetos da Polônia e da Romênia, manietado e corrompido pelo capitalismo internacional, manobrado por aquelas forças secretas, invencíveis e desconhecidas, como apregoou o Sr. Armando de Sales, ameaçado pelo cataclisma da subversão comunista. (BARROSO, 1935, p. 31-32).

O projeto nacional de Barroso passava, inevitavelmente, pela eliminação do judeu, uma análise ligeira sem a devida consideração das diversas comunidades judaicas, com o objetivo de arrolar provas para a perseguição a esse. Nas palavras de Barroso, as *criações judaicas*⁴, como por exemplo, *o liberalismo dissolvente, o materialismo, o marxismo e o comunismo*, são as manifestações do Judaísmo Internacional. É surpreendente como o autor d'*A Palavra e o pensamento Integralista* atribui todos os problemas do Brasil da época à figura do judeu. O Brasil integral, forte e totalitário, é o encontro entre o Estado e a Nação, “realidade constituída pelos ideais e pela comunhão de interesses materiais”, onde a reunião, a soma, a coletividade, deveriam prevalecer em detrimento dos interesses particulares dos pequenos grupos, no combate à corrupção, ao abastardamento, à primazia do regional sobre o nacional, ao *tartufismo*, segundo o integralista da democracia liberal.

O nosso Estado é, pois, o Estado revolucionário por excelência, fundamentado nas realidades econômicas, étnicas, históricas, geográficas, que formaram e conservam a nacionalidade, com um sistema representativo orgânico, aniquilador das tumultuárias assembleias político-jurídicas de bacharéis que nada representam senão eles próprios, substituídos por homens que representam de verdade suas corporações e, vindos do município, através da província, até a nação, façam com que cada indivíduo seja parte integrante desse Estado concreto, palpável e forte, tanto na sua essência como na sua projeção. (BARROSO, 1934, p. 82).

Um dos fundamentos principais do projeto integral de Barroso era o espírito, instrumento viabilizador de uma nova proposta de Brasil, “por isso que por ele queremos e devemos nortear as atividades brasileiras, fazendo com que o nosso povo não continue a ser como um peso morto na vida espiritual e na vida econômica da humanidade” (BARROSO, 1934, p. 68). Diante de um *Estado social cristão*, hierárquico, avesso às massas, fundado sob o *princípio de autoridade*, para acabar com os problemas gerados pelo liberalismo, defendia que somente um Estado Totalitário, que não se confundia com uma ditadura arbitrária,⁵ viabilizaria o futuro do Brasil integral, pois “só o integralismo bem compreendido na sua concepção filosófica e na sua projeção político social nos poderá salvar”. (BARROSO, 1934, p. 71).

⁴ Utilizo o recurso de aspas a fim de enaltecer alguns conceitos usados pelo escritor.

⁵ Gustavo Barroso diferenciava totalidade de totalitarismo. Ver sua obra *O Integralismo de Norte a Sul* (1934).

Pensando o Brasil: formando a raça brasileira

Assim como os demais intérpretes formadores do pensamento social brasileiro, que, por sua vez, traçaram seu projeto de Brasil, Gustavo Barroso perscrutou as raças formadoras do país, constituídas por *portugueses rudes, índios selvagens e negros bárbaros* ou *semicivilizados*. Como é de se esperar, Barroso enaltece o papel do missionário no processo de colonização, ainda que ressalte a importância do negro, “um dos grandes elementos de nossa brasilidade”. Diante dos particularismos reinantes da época, a formação nacional só fora possível devido à ação da Igreja.

Sob o signo da cruz, impresso na amplidão, as *quatro stelle* avistadas por Dante ao sair do Inferno para o Purgatório, nasceu o Brasil. O primeiro padrão com que o assinalaram foi uma cruz e seus primeiros nomes de batismo à cruz se referiram. Sob a cruz se formou e foi a sua sombra salutar que permitiu o abrolhar das primeiras manifestações de sua consciência coletiva. A religião foi, desta sorte, um dos maiores fatores da unidade nacional, unindo na sua fraternidade os mais afastados núcleos dos povoadores. (BARROSO, 1934, p. 64).

Com esta veia poética, Barroso aponta a existência de uma *consciência latente*, na qual o conquistador se misturou e interagiu num meio adverso⁶. Encaramos esta *consciência latente* como artifício ideológico, omitindo a truculência do colonizador com relação ao não-branco, ainda que o escritor não aluda à superioridade do português (ávido, cruel e sem escrúpulo), tampouco pontue conflitos entre elas. Nesse sentido, é pertinente a reflexão sobre a condenação ao português (explorador e responsável por toda uma tradição política de ensino no Brasil), e o enaltecimento das figuras do missionário e do bandeirante.

Homem ilustrado, banhado pelo pensamento ocidental, figura católica (daí a razão de seu antissemitismo), Barroso se comporta como todos os polígrafos brasileiros da segunda metade do século XIX, que propuseram suas visões de Brasil.

⁶ Em *Raízes do Brasil* (1995), Sérgio Buarque de Holanda aborda a facilidade do português, missionário no processo da colonização, que aprendeu o tupi, dormiu em redes e até mascou fumo, mostrando sua capacidade plástica.

Em suas produções, desde ensaios, romances até histórias do Brasil, todos os intérpretes consideraram o atraso brasileiro, sendo indispensável a presença do homem europeu para superar o arcaísmo do país e guiá-lo no caminho do progresso. Se Barroso combate o português, atribui os mais engenhosos elogios à figura do bandeirante, que aproximou o país e transmitiu de pai para filhos a *língua comum* dos brancos, negros, índios e mestiços, nas casas dos padres da Companhia de Jesus, impedindo a divisão do país. Língua, instituições jurídicas e religião (esta arraigada ao espírito popular) formaram o *espírito de brasilidade*.

A *consciência latente*, existente desde os primórdios num meio no qual o jesuíta se adaptou, juntamente com o explorador português, o índio selvagem e o negro bárbaro, forneceu o *espírito de brasilidade*. O jesuíta impediu a fragmentação, por meio da língua, das crenças e dos costumes, consolidando o vasto processo colonizador, que uniu sertão e litoral.

O projeto integralista pensado por Barroso contempla o *português conquistador* – rude e cruel, o *selvagem* e o *negro bárbaro*, sendo este de fundamental importância para a formação da nação. Com a essência da ética, da moral e da justiça social católica, todos os esforços eram válidos em prol do desenvolvimento do país, que agora enfrentava seu principal inimigo – a figura do judeu (COSTA FILHO, 2018). Todos os esforços eram válidos. O Integralismo, na versão antisemita de Barroso, alavancava o antídoto do veneno contra a nefasta presença judaica, superando os inúmeros no país. Política, cultura e ciência andavam juntas em um projeto por demais complexo. Barroso esclarecia em seus livros que o XIX tinha sido um século de partes, de análise, de domínio do material sobre o espiritual, onde o capital tinha cada vez mais dominado o mundo, causando desigualdades e afastando o homem de si mesmo.

A figura do bandeirante é a de um sujeito aguerrido e desbravador, como em Plínio Salgado, Miguel Reale, e tantos outros intérpretes brasileiros, merecendo todos os elogios de Barroso, em contraposição à avareza do português. Pouco se percebe a contribuição do índio ou do negro, apesar destes participarem da nação brasileira, pois são sempre agentes cordiais. Estes, ainda que compunham a nação brasileira, de

forma paradoxal, são excluídos deste processo de formação, reverberando o projeto nacional de um Brasil com cunho iluminista e conservador, branco e elitista, como bem recorda Manuel Luís Salgado Guimarães (1988). Trata-se de um processo antropofágico, que une justamente porque exclui!

Devastando e unindo o país de norte a sul, Barroso descreve que o bandeirante foi fundamental no processo de formação do Brasil: o criador tangeu bois e como complemento das fazendas, cada vez mais, aumentou o número de agregados, contribuindo para a formação de povoados; já o jesuíta, seguia as pegadas do bandeirante e o criador foi consolidando o processo de colonização por meio da evangelização.

Se Barroso, por razões óbvias, não considera o judeu como elemento formador da nação brasileira, traz este como figura a ser combatida e eliminada. É surpreendente que em todos os capítulos de suas obras, até mesmo em seus livros de memória⁷, o judeu é o alvo a ser combatido. No capítulo “Integralismo e Brasilidade”, a formação da nação passa indispensavelmente pela eliminação do *individualismo dissolvente*, que para o escritor nada mais é que uma das *criações judaicas*.

combateamos, pois, a anarquia e a mediocridade, que são as duas picaretas da destruição nacional. E, como elas naturalmente se geram do liberalismo-democrático, levando as massas do litoral, exploradas, e as massas do interior, exploradas ou abandonadas, ao desespero e a darem ouvidos aos cantos de sereia do comunismo sem pátria, combatemos sem tréguas o tartufismo, o abastardamento, a corrupção da liberal-democracia. É o seu individualismo dissolvente quem amamenta o coletivismo enganoso e pérfido. É o seu alheamento dos grandes problemas públicos e a sua farândola de interesses inconfessáveis quem nos entrega ao capitalismo estrangeiro e sem entranhas, quem transforma a administração em orgia e a política em imoralidade progressiva. É a sua falta de competência, de autoridade, de sinceridade e de energia quem produz o triunfo dos mediocres e aventureiros, quem comete as violências e as arbitrariedades inúteis, e quem mente e quem se acovarda e rasteja nos acordos, nos cambalachos, nos conchavos, na desmoralização da arte de governar. (BARROSO, 1935, p. 66-67).

⁷ Veja o caso d’ “O Judeu Maltês”. (BARROSO, 1989, p. 178).

Se, por um lado, o judeu não aparece no quadro formador das raças pensado por Barroso, ainda que clássicos como Câmara Cascudo e Gilberto Freyre apontem sua importância em aspectos de nossa cultura, na ótica barrosiana o judeu não contribui com nada de positivo, merecendo ser eliminado. Contemporâneo de uma importante geração de escritores ‘desprendidos’ do vezo racial, que em tese operou uma reviravolta nos parâmetros de análise da cultura brasileira, não mais considerando os fatores climáticos e mesológicos como determinantes, Barroso atribui todo o infortúnio do passado nacional ao agente invasor (o judeu), verdadeiro ‘agente do mal’. (MOTTA, 2002).

No seu projeto de Brasil, não existe espaço no Estado nacional para a figura do judeu. Influenciado pelo comunismo, conforme Barroso, o judeu era traiçoeiro, chegava ao poder por meio dos pequenos golpes, era acostumado ao segredo, indivíduo parasitário e com traços de pecúnia. A perseguição do escritor ao judeu é tamanha que afirmava que “o espírito judaico não se presta, nem nunca se prestou a nenhuma grande organização civil, militar ou religiosa. A história do povo de Israel demonstra sua incapacidade em criar um Estado” (BARROSO, 1935, p. 79-80).

Criando um Estado dentro do Estado, o judaísmo tinha caráter internacional, além dos demais atributos negativos apontados pelo integralista. É discutível sua crença na assimilação de um povo marcado pela singularidade histórica (ARENDRT, 1989), sem território próprio, um dos argumentos sustentados pelo autor no seu projeto de Brasil. Afirmando que seu antissemitismo era moral, ele “colocava para o lado de lá seu racismo”, o judeu era que era racista, sujeito inassimilável, que tinha por objetivo criar uma República mundial.

O Judaísmo é simplesmente o predomínio exclusivista dos judeus, que só aparentemente se submetem às leis, costumes e interesses nacionais. Eles não se integram nessas leis, costumes e interesses. Eles não se deixam que no seu espírito se apague a ideia do Estado Judaico messiânico e dominador. O Judaísmo é a afirmação duma nacionalidade dentro das outras nacionalidades. A religião e a raça são bandeiras sob que disfarça a invasão em todos os campos: no saber, na moral, na política e na economia. Por isso, o judeu não pertence a pátria onde nasce; é sempre, imutavelmente judeu. (BARROSO, 1936, p. 77-78).

Como se não bastasse os males provocados pelo judeu, sobretudo, o de destruir toda e qualquer sociedade cristã, este era responsável pela decadência do ensino, pelo endividamento do país, tornando o homem escravo de si mesmo e principal agente do comunismo

Nós condenamos o programa comunista, porque ele repousa sobre a falsa concepção marxista da luta de classes, porque ele nega a nação como realidade constituída por uma comunhão de ideias e um conjunto de interesses econômicos ao mesmo tempo, considerando-a simples superestrutura econômica mantida pelo domínio duma única classe. (BARROSO, 1937, p. 70).

Propondo um Brasil onde o branco, o negro e o bandeirante participassem da nação (proposta presente no *Manifesto de 32*), Barroso elege o jesuíta e o bandeirante como os agentes mais relevantes na formação da brasilidade, não desvalorizando a importância do negro. Tributário de um *corpus teórico* católico, por base evolucionista, diversas vezes a fala de Barroso se confunde com a de Plínio Salgado. Priorizando o espírito em detrimento da matéria, base para a reviravolta do seu projeto integralista, remetendo-se a Deus, busca convencer todos os brasileiros a se unirem em torno do integralismo.

Nós integralistas, nos batemos abnegadamente e denodadamente pelo lema Deus e Pátria, eco do passado que sobe até nossos corações; brisa que sopra dos séculos pretéritos, fazendo tremular o pendão dos descobridores com a rubra cruz de Cristo, o guião dos bandeirantes heroicos com a verde cruz de Aviz, o lábaro jesuítico com a cruz superposta as siglas da Companhia; vento que traz nas asas as vozes dos nossos antepassados, agitando a folhagem dos palmeirais nativos, enrolando as ondas na alva extensão das nossas praias e enfunando as velas de todas as nossas esperanças. (BARROSO, 1934, p. 65).

O Brasil forte de Barroso se faz sob as diretrizes integralistas, que têm como principal inimigo a figura do judeu, sendo necessária a sua eliminação. De forte apelo nacional e espiritual, chegando a mobilizar um milhão de seguidores, vemos despontar as raízes brasileiras, característica de todos os projetos nacionais, no qual se presencia a força e a grandeza da natureza, a vivacidade da alma do homem em razão da construção maior de sua pátria. Num encontro cordial das raças, o *espírito espontâneo*

formou o Brasil com a presença indispensável da figura unificadora do jesuíta, que aproximou nosso território como também o índio do branco.

A existência desse *espírito espontâneo* dá o tom do Brasil no momento da chegada do colonizador, anulando os choques raciais, concebendo uma história irreal, uma vez construída a partir de uma base espiritual. Ricardo Benzaquén pontua muito bem o sentido de revolução no integralismo, trazendo o *gigante adormecido*.

Assim, as incríveis dificuldades apresentadas pela conquista do território, as grandes matas, os rios intransponíveis, o calor sufocante, a falta absoluta de auxílio vindo de Portugal, tudo isso termina por irmanar as diversas raças que aqui se reuniram, aplainando e reduzindo, de maneira absoluta, as diferenças e oposições que as separavam. (ARAÚJO, 1988, p. 52).

Barroso não participou do movimento modernista de 1922, trazendo vertentes de homens afinados, tanto com a direita como com a esquerda, em torno do grupo *Anta e o Pau Brasil* (A BRASILIDADE VERDE-AMARELA, 1993, p. 89-112), mas o autor muito deve à postura espiritualista do criador do integralismo, Plínio Salgado. Não bastasse a influência do autor d’*O Estrangeiro*, Barroso insere o *Manifesto de Outubro* em um de seus livros, dedicando-lhe alguns de seus trabalhos a Plínio Salgado, e seguindo as diretrizes escritas pelo escritor paulista.

O Integralismo exige um juramento de fidelidade e obediência a sua Doutrina encarnada no Chefe Nacional. “O Chefe – declara Plínio Salgado – não é uma pessoa, é uma ideia”. Essa ideia está consubstancialmente num homem e não é possível defendê-lo com risco de sua própria vida sem um compromisso de honra expresso em juramento solene. Ele é básico para a nossa disciplina. Por ele nos comprometemos a sacrificar interesses, ambições e inclinações de ordem pessoal pelo êxito de uma grande causa. Nessas condições, como exigir obediência se não houver um compromisso voluntário de obedecer? Ele é a afirmação categórica do princípio de autoridade. (BARROSO, 1935, p. 111).

Barroso tem diversos pontos em comum com relação ao mestre Plínio Salgado. A título de exemplos, temos o livro *O Quarto Império*, que segue a mesma lógica d’*A Quarta Humanidade*, além da consideração de que a crise da humanidade devia-se ao avanço capitalista, que tornava o homem mero número, desconsiderando valores que o capital não comprava, perdendo-se, assim, o sentido de sua própria

existência. A força do Judaísmo Internacional dominava o Brasil e o mundo, por isso, apenas a ‘revolução espiritual’ viabilizaria dias melhores para o país. Barroso cita Plínio em vários de seus livros, mas nem este nem Reale combatem o judeu (banqueiros, formadores de trustes e cartéis). Apelando para a questão racial, estes dois integralistas não associam a força do capitalismo do judeu aos aspectos raciais.

O antissemitismo de Barroso é o dos tradicionais escritores católicos que combatiam a figura do judeu, tendo este como agente conspirador, ateu, destituído dos princípios católicos, e que, acima de tudo, tinha matado Jesus Cristo. O autor de *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* afirmava que o judeu dominava a imprensa, a indústria cinematográfica, o comércio, os transportes, as riquezas naturais, como água e luz. Apesar do pequeno número de judeus, Barroso afirmava que a *Sinagoga Paulista* chegava a influenciar a política do país, pois tamanha era a força econômica advinda do café. Somente um Estado forte seria capaz de deter os prejuízos do *materialismo judaico*. Só o regime fundamentado sob o espírito salvaria o mundo.

Nós, integralistas queremos unir sob a mesma bandeira, com o mesmo sinal de somação, debaixo do pano verde de nossas camisas, fazendo-os marchar no mesmo ritmo seguro e entusiasta, todos os brasileiros, nossos irmãos. Não os dividimos por Estados, partidos, castas, classes, seitas, credos religiosos, sangue ou cor da pele. Unimos todos no mesmo amplexo fraternal, na mesma ideia de um Brasil maior e melhor, livre de lutas, de facções e de judeus internacionais sugadores das economias do povo. Pois bem, contra nós o judaísmo internacional desencadeia suas iras e obriga os cúmplices que tem as ordens a arranjar uma “lei de segurança”... Contra os manejos miseráveis daqueles que não trepidam em querer dividir os brasileiros, aliás, já divididos, pela cor da sua pele, não se toma providência alguma. Desde fins de 1934 que eles agem “secretamente” à vontade... (BARROSO, 1936, p. 150-151).

É nessa lógica, que Barroso pensa o Brasil do século XX, expurgado do materialismo, do *individualismo dissolvente*, destruidor das bases cristãs e dos lineamentos sociais como apregoava. Trata-se, como bem aponta Ricardo Benzaquen de Araújo, das “chaves explicativas” de Brasil, que com as devidas considerações explica o projeto barrosiano. Pregando uma luta contra as forças materiais, orquestradas pelo *judaísmo internacional*, Benzaquen cita uma passagem extremamente esclarecedora para o Brasil dos anos 1930, pensado por Barroso:

É justamente por enfrentar um inimigo que age ocultamente dentro das suas vítimas, escravizando-as sem que elas percebam, que a revolução idealizada por Plínio deve ser antes de mais nada, uma revolução interior. Assim, o que realmente lhe importa não é a conquista imediata do poder, nem a destruição, pela violência, dos indivíduos ou grupos que, como a burguesia, demonstrem já estar totalmente contaminados e possuídos pelos próprios instintos. Em vez disso, sua preocupação maior consiste na organização de uma campanha eminentemente pedagógica, evangelizadora, que tenha condições, através da propaganda, da disseminação concreta de valores espirituais, de tornar as pessoas independentes e conscientes, libertando-as do “despotismo da matéria”. (ARAÚJO, 1988, p. 63).

Conforme Barroso, a situação caótica do Brasil devia-se à presença do judeu, desde a participação na economia do açúcar, lucrando com a sua importação para o mercado europeu, até a próspera economia do café, aliando-se à elite de São Paulo, influenciando na política nacional. Usurpador, ganancioso e explorador, financiador da Companhia das Índias Ocidentais, que combateu a monarquia católica portuguesa, o que se nota, do começo ao fim, na obra de Barroso, é a concepção de um imaginário nefasto, e mesmo que irreal (pensado pelas elites europeias) como aponta Lesser (2005), foi o imaginário assimilado por setores conservadores das elites brasileiras, na qual pertencia Gustavo Barroso. A verdadeira paranoia antisemita deste, em seu combate e caça ao judeu, é produto das bases nacionais brasileiras, que como já afirmamos, formou-se sob a égide do iluminismo de nossos escritores, ligados ao Romantismo, de traços conservadores, católicos e racistas.

Barroso atribui o caos mundial ao judeu, compactuando com uma elite brasileira extremamente reacionária, formada por homens da igreja, burocratas, ex-tenentes, profissionais liberais, médicos, eugenistas, intelectuais sem laços acadêmicos, etc. (CARNEIRO, 2001). Nesse sentido, é válido lembrar a estrutura social e política que resguardou a mentalidade conservadora desses setores, nos anos 1920:

Se a combinação de nacionalismo e racismo levou à criação de uma Questão Judaica por aqueles que estavam no ápice dos mundos político e intelectual do Brasil, o uso fácil pelo regime de Vargas do discurso nacionalista para atingir metas políticas de curto prazo levou, com frequência, a expressões de nativismo por parte de políticos estaduais que

representavam o eleitorado de classe média urbana, socialmente conservador, que incluía membros da burocracia governamental e militar, o clero e funcionários administrativos. O nativismo brasileiro, nas décadas de 1930 e 1940, não era muito diferente do mesmo fenômeno que ocorria em toda a América. Aqueles considerados portadores de fidelidade ou preocupações fora de uma certa e mal definida “brasilidade” (palavra regularmente usada por membros do regime Vargas) eram um perigo para a sociedade e seus cidadãos. (LESSER, 1995, p. 320).

No período turbulento, após a Revolução de 30, as elites brasileiras trataram de confeccionar o discurso da falta de identidade nacional, fazendo das questões políticas e econômicas problemas de ordem nacional. O nacionalismo era mais uma vez instrumentalizado por nossas elites econômica, política e intelectual, a fim de satisfazer seus interesses de grupos. Nessa ótica, tornava-se necessária a busca do elo perdido (a raça é um dos elementos mais importante dos projetos nacionais) para formar o Brasil e o brasileiro (NAXARA, 1994).

Uma vez que a cultura brasileira foi sempre concebida sob o olhar etnocêntrico, perpetrada pela visão linear da história, tangenciada pelo olhar evolucionista e positivista, manipulada pelas benesses políticas de nossa *intelligentsia*, o que presenciamos por parte de nossos intelectuais foi a legitimação de um *pensamento abissal*, que estabeleceu graus de culturas em detrimento do autoritarismo científico. Sempre ligado ao poder, instrumentalizado para subtrair os povos inferiores de sua ‘barbárie’, foi o conhecimento concebido a partir do cânone ‘científico’ europeu, excludente e racista, que presidiu a formação dos intérpretes brasileiros. Instrumento de poder, o conhecimento ‘científico’ foi utilizado para caracterizar o ‘outro’ como inferior, e, assim, legitimar seu domínio, tanto no campo simbólico como prático, linha extremamente tênue, pois não existe conhecimento desprovido de imagens ‘reais’, visto que

Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para a inquirição científica. Assim, a linha visível que separa a ciência dos seus ‘outros’ modernos está assente na linha abissal invisível que separa de um lado, ciência, filosofia e teologia e, do outro, conhecimentos tornados incomensuráveis e incompreensíveis por não obedecerem, nem aos

critérios científicos de verdade, nem aos dos conhecimentos, reconhecidos alternativos, da filosofia e da teologia. (SANTOS, 2009, p. 25-26).

Católico, nacionalista como os vários escritores de sua geração, homem focado na cultura europeia, que tem o branco como modelo para a análise de uma sociedade civilizada, Gustavo Barroso pensou o Brasil apelando para um dos mais instigantes elementos de nossa cultura, que foi a particularidade racial. Embora jamais admitisse que seu antissemitismo contemplasse caracteres raciais, a cultura brasileira pensada e elaborada pelo escritor cearense é tributária de todos os intérpretes brasileiros: o Brasil é constituído de raças, as relações entre as mesmas sempre foram amistosas, o português figura sempre no topo da pirâmide por ser aquele que mais contribuiu para o caráter nacional brasileiro (COSTA FILHO, 2017).

É aqui que o elemento racial emerge no encadeamento da participação de brancos, negros e índios, formadores de nossa cultura e constituintes da nação brasileira. Mas, um questionamento se faz necessário na análise de nossa problemática: em que momento Barroso percebe o judeu como o mal num país que sempre guardou a marca da intolerância em suas populações negra e indígena? O autor faz uso de uma linguagem racial ‘científica’, que ao menos sirva para tornar a sua fala digna de credibilidade ou será que representa textos mal elaborados (até panfletário) de um homem que disputava com Plínio Salgado a liderança da AIB, como aponta Trindade?

Barroso é um intelectual que presenciou o holocausto sofrido pelos judeus, negros, homossexuais, e outros excluídos, considerados os responsáveis pela crise e pelo fiasco da Alemanha, uma nação que enfrentou um sério problema de identidade nacional. Conhecedor de toda essa realidade, Barroso deliberadamente concebe o judeu como raça para prover seus duros ataques, sua ojeriza é tanta que acaba por “girar em ciclo”, ou seja: culturalmente, não admitindo a inferioridade racial do judeu (assim como Plínio Salgado, Barroso chegava a dizer que o problema do Brasil “não era étnico, mas sim ético”, o que não deixa de ser uma contradição), o escritor chegou a referir-se a este da maneira mais racista possível, como já registramos.

Não vamos encontrar nos textos de Barroso recorrência a escritores que advogam a superioridade racial, como nos tempos de Sílvio Romero e Nina Rodrigues, mas veremos um escritor que se apoia em figuras como Le Poncis, Disraeli, Mario de Sá, realizando uma verdadeira campanha racista contra o judeu. Em sua produção, vemos autores da moderna biologia (CARNEIRO, 1990, p. 8), como Dovenpors, Fischer, Lenz, Ploentz, Ehle, Scheids, intelectuais do campo científico lembrados por figuras como Xavier de Oliveira, sendo este um nome importante na elaboração da Constituição de 1934, carta que restringiu abertamente a entrada do semita no Brasil. Conforme Tucci Carneiro, Barroso é possuidor de um antissemitismo de “corte moderno”, mais próximo ao Nazismo do que simpatizante com o antissemitismo de traço clássico, de ligação cristã. Para sustentar a sua tese acerca de Barroso, a autora arrola nomes como os de Bertrand, Léon Bloy, Edouard Drumont, Bernard Lazare e Leon de Poncis.

Carlos Nóbrega de Jesus (1999) sustenta o antissemitismo radical de Barroso em contraposição às posições de Plínio Salgado e Miguel Reale, que combatiam o judeu em função de seu poder econômico, sem nenhum traço racista. Conforme Jesus, tanto Salgado quanto Reale combatiam o judeu sem o traço racista de Barroso. Tais autores diluíram a hostilidade ao judeu combatendo ora o comunismo, ora o capitalismo deste.

A posição de Barroso deixa fora de dúvida a sua postura racista. Barroso corrobora com a ideologia de caráter nacional (LEITE, 1976), que associa atributos morais a elementos raciais (cor, forma do rosto, tamanho dos dedos, etc.), construindo o imaginário de um sujeito inclinado ao segredo, que não se misturava, e de sabor anárquico. Se, por um lado, Barroso não confecciona seu estereótipo judaico descrevendo escritores racistas, que marcaram os clássicos ensaístas da Geração 1870, a partir de nomes conhecidos do racismo europeu o autor acredita que a raça judaica possua inclinações das piores possíveis. Em momentos pontuais de sua produção, Barroso recorre a Gobineau para lembrar que não possui uma visão racista!

Mais que propor ou aspirar um novo Brasil, o integralista remonta às raças constituintes da nação brasileira. Não se trata de um projeto inovador, pois todos os projetos nacionais brasileiros tiveram o índio, o branco e o negro como integrantes, mas sim de um que tem como novidade a ideia de “esquecer toda a nossa história” para a criação de um Brasil purificado de suas mazelas sociais, influência sofrida pelos regimes de ‘renovação espiritual’, o integralismo, na ótica do escritor, era um movimento de renovação espiritual.

Em vias do Brasil integral

Cytrynowicz lembra que o antissemitismo é o eixo central da produção integralista de Gustavo Barroso (1992). Os livros de Barroso apontam o judeu como o responsável pelas misérias do mundo, pois, para o integralista cearense, as ações maléficas do povo de Israel já estavam escritas nos Protocolos. Sabemos que os *Protocolos* fora uma grande farsa (ROSENFELD, 2011). Trata-se de uma fraude literária construída por setores conservadores da Rússia czarista (Nicolau II estava no poder), com o objetivo de dissipar um imaginário tenebroso do judeu, relacionado ao comunismo, por parte de uma aristocracia que temia perder espaço por setores modernos ligados às atividades comerciais. Marcado por fortes elementos feudais, a Rússia criou a ideia malevolente da *hidra* e da *serpente*, a semente do mal (MOTTA, 2000). Dessa forma, os judeus foram responsabilizados pela Revolução de 1917 (só mais uma evidência da força do *judaísmo internacional* presente nos *Protocolos*), que mostrava ao mundo o poder de anarquia e destruição de um povo que pretendia levar a revolução aos quatro cantos do mundo.

Barroso, Salgado, Reale e todos os integralistas são defensores de um Estado autoritário, que busca identificar as necessidades da nação por meio da ordem e da disciplina, no qual o espírito prime em detrimento da matéria. No entanto, é essencial que a propriedade privada esteja assegurada, que os valores da família e a representação nos sindicatos corporativos seja uma realidade, que a família seja a

célula social mais importante. Assim como na *Cidade de Deus*, a estrutura social e política, pensada por Barroso, deveria reger-se por alguns elementos cristãos como a solidariedade e o altruísmo, cada pessoa figuraria em seu *locus* social, contribuindo com o Estado por meio de suas atividades de sujeito nas corporações. Com a ideia de *Soma* (um dos princípios fundamentais do integralismo), unidade e totalidade, os integralistas reverberavam que o movimento da AIB era o único meio de combate ao mal provocado pela liberal democracia.

Alguns estudos tratam de associar o antissemitismo de Barroso a sua ascendência materna, argumento para nós inconsistente, pois conforme o próprio escritor, a influência sofrida pela cultura alemã foi pouca, este perdeu a mãe logo aos sete dias de vida, nada sabia do alemão e foi educado sob os preceitos católicos e conservadores, típicos de setores afinados com a mentalidade oligárquica de políticos locais do Ceará. É sempre no plano da cultura que devemos voltar o nosso olhar. O que mais nos chama atenção é a imagem extremamente negativa que o escritor possui do judeu, as características imputadas a este são inúmeras, seus ataques são uma constante, ganhando um tom panfletário. Para Barroso, uma infinidade de acontecimentos negativos no Brasil e no mundo eram provas da ação do Judaísmo Internacional, responsável pelas correntes materialistas, como o marxismo, o anarquismo e o comunismo, que para o autor não passavam de empréstimo da filosofia liberal burguesa.

Barroso pensa como os homens da Idade Média, confecciona seu antissemitismo (racista) a partir da questão religiosa, que se faz em oposição, segundo suas palavras, à religião do Povo de Israel, seu pensamento combate as criações judaicas presentes em todos os movimentos liberais. Todos esses movimentos foram orquestrados por homens livres, maçons, ligados ao Grande Oriente, a bucha, ao kahal, a acácia, conforme aponta o autor d'*A Sinagoga Paulista*. Todos os acontecimentos e toda a História têm relação com o Judaísmo Internacional. O veneno da *bucha era enorme*, tendo poder mundial. Para Barroso, há uma intrínseca relação entre judaísmo, maçonaria e comunismo. Em vários momentos presenciamos

a ligação que o autor elabora entre judaísmo e maçonaria. A Estrela de Davi representa muito para o autor d'*A História Secreta do Brasil*.

Não é exagero afirmar que a sua obra integralista é fortemente marcada pelo ódio da figura do judeu! O autor traça fatos nacionais e mundiais, ora citando autores racistas, remetendo-se a artigos estrangeiros e nacionais para incriminar o judeu; ora recorre a escritores judeus consolidando ainda mais o mal judaico. Em seus livros, vemos figurar do começo ao fim o ódio ao judeu partindo de vários pontos. O antissemitismo de Barroso, mais do que um tom panfletário, de denúncia, ganha um tom de ódio, não sem razão, pois diversos termos utilizados pelo escritor são de extrema agressividade.

Barroso insiste em apontar fatos cuja responsabilidade recai sob os judeus. Seus livros, sem estilo, de tom panfletário e divulgador da teoria da conspiração, nada mais são que uma teia de ocorrências, no Brasil e no mundo, de fatos que o escritor acredita ser de responsabilidade judaica. Seus livros integralistas são a história do 'mal judaico' do judeu, a nível mundial. Tão importante quanto salientar o mito do complô judaico, questão já levantada pela historiografia, é entender a construção do judeu como negatividade, ou seja, a história que o transformou em bode expiatório. Como na Europa e na América, no Brasil o cenário é praticamente o mesmo, o discurso antissemita surge de setores politicamente afinados com a direita conservadora.

Preocupado com as mudanças que a modernidade oferecia aos setores urbanos, desvinculados dos tradicionais grupos, estes se sentiam ameaçados ante a presença do novo e do moderno (CRUZ, 2004). A Revolução Francesa (1789-1799) trouxe ao mundo a possibilidade clara de regimes democráticos, razão pela qual Barroso e os demais integralistas viam nesta a encarnação das forças secretas (forças do mal), com todas as suas particularidades. Em tempos cada vez mais mecânicos, só o sentimento, o afeto, os elementos morais e cristãos possibilitariam uma nova ordem, como advogava a doutrina integralista. Sob a força maior do espiritualismo, uma nova organização social era pensada em benefício do surgimento de uma verdadeira nação.

Tão importante como elucidar a instrumentalização em torno do mito da conspiração judaica (o que nos faz investir, de uma maneira ou de outra, nos aspectos da história do antissemitismo), é identificar em que momento a figura do judeu é considerada uma raça indesejável pelas elites brasileiras. Que judeu é este que tanto se combateu durante os anos 1930? Marcos Chor aponta o momento em que a preocupação judaica se torna realidade:

O alvo privilegiado por essa literatura é a política imigratória restritiva do primeiro governo Vargas, eivada de antissemitismo e patrocinada por algumas agências estatais. Um dos aspectos mais controvertidos nessas investigações é a análise da atuação do então ministro das Relações Exteriores (1937-45), Oswaldo Aranha. (MAIO, 1999, p. 230).

O vasto imaginário judeu é tão mitológico quanto tão verdadeira são as diversas edições da fraude literária sobre o complô judaico. Hannah Arendt foi a autora que melhor explicitou a instrumentalização da ideia racista nos tempos de formação dos estados nacionais modernos, de forma específica, da Alemanha. Para além do bem e do mal, o antissemitismo fora instrumento político acionado para satisfazer anseios de determinados grupos, como poderia ser a língua, a religião, a nação, etc. (HOBSBAWM, 1990). A hostilidade ao judeu, fundamentado na raça, ainda que escritores antissemitas o tratassem como povo e nunca como raça, é um discurso para aqueles que veem nos seguidores de Moisés o grande obstáculo para a concretização de seus interesses. É imprescindível recorrermos à estrutura do Estado brasileiro na análise da natureza antissemita de Barroso.

É instigante para a pesquisa histórica a ira de Barroso e de setores de nossa elite para com o judeu em um país “acolhedor”, que sempre jogou para o futuro a resolução de seus problemas, por meio da ideologia do branqueamento (SKIDMORE, 1976). Trazemos o caso da Alemanha para mostrar a concepção que um pequeno grupo de pessoas da nossa elite conservadora faz sobre a figura do judeu, sendo abrigado por um minúsculo número. Lendo os livros de Barroso, do início ao fim, o que se nota é uma visão preconceituosa e racista, que reforça a eliminação do

judeu. Foi a mesma lógica utilizada pela política nazista que criou a figura do mal, do verme e do parasita, tornando natural a sua eliminação.

Lembremos que inúmeros são os autores citados por Barroso, como Levi, Poncis, Saa, Lazaré, poucas são as vezes onde encontramos uma posição do escritor sobre a inferioridade do judeu ou mesmo um temperamento racista, o que pode parecer ambíguo, mas em momentos pontuais vemos em seus livros passagens como essa: “antes da completa eliminação do elemento judaico – declara Teodoro Fritsch – os povos não se curarão de suas enfermidades” (BARROSO, 1937, p. 75)⁸. Sabemos que a eliminação produzida pela tragédia do holocausto fora perpetrada por uma conjuntura completamente diferente da brasileira. O judeu era o responsável pelo fracasso da Alemanha e pela existência do *ódio compartilhado* na sociedade alemã, à época do morticínio de milhares de judeus.

Responsável por tudo que era nefasto, Barroso não conseguiu fugir do posicionamento característico de alguns antissemitas, de teor ‘tradicional’ e ‘moderno’, confeccionando um discurso de eliminação judaica, esboçado, algumas vezes, de forma sutil. Não se trata de forçar ou ver aquilo que Barroso não escreveu, tão pouco de reiterar sua hostilidade ao judeu, já registrado exhaustivamente, mas simplesmente destacar o antissemitismo racial eliminacionista contra uma *raça de bandidos* e de *criminosos*, como considerava o líder dos camisas verdes.

Um argumento que colocaria em contestação o projeto de eliminação pensado por Barroso seria a assimilação do judeu pela sociedade brasileira (o que é sugerido pelo integralista), que, num primeiro momento, chegamos a refletir, mas logo observamos ser inconsistente diante da posição do escritor de que o judeu é um sujeito inassimilável, formador de quistos raciais. Entre idas e vindas, é pela fala de Barroso que se deve analisar seu antissemitismo. Uma boa discussão pode ser iniciada

⁸ Fritsch foi uma importante figura na campanha antissemita alemã. Em Leipzig, editou diversas brochuras antijudaicas e os *Protocolos dos Sábios de Sião*, entre 1919 e 1920, que seriam, no ano seguinte, retomados pelo líder nazista Alfred Rosenberg. Cerca de 300.000 exemplares foram vendidos. (SORLIN, 1974, p. 75).

com a seguinte indagação: sendo o judeu uma raça inassimilável, e Barroso um adepto do poligenismo, que tem a cultura europeia como superior, alegando ser necessário branquear a sociedade brasileira, como assimilar esta ‘raça’ ou este ‘povo’?

Diante desse imaginário, o judeu dissolvia aquilo que Barroso tanto lutou para construir, que era uma nação que se identificava com o Estado, sem a presença de homens que usavam a máquina pública para a realização de seus interesses. Nada soa tão claro nos argumentos de Barroso do que o parasitar, o enriquecer sem o menor esforço à custa do outro, a ganância pelo lucro de uma figura sem pátria, que por essa razão iria ‘fazer a revolução na terra dos outros’, tirando proveito da luta entre as classes. Barroso afirmava que o judeu se infiltrava, ‘não criava nada de positivo’, era incapaz de formar qualquer organização social, enfim, “racialmente, o judeu não possui o menor sentimento nacionalista, do que decorre sua grande capacidade de fingida adaptação. O diabo é o seu *fedor judaico*, que o não larga e faz com que os *conhecedores de judeus*, os *indenkenner*, como dizem os alemães, os sintam e reconheçam a distância” (BARROSO, 1937, p. 84).

Conclusão

Nos anos 1930, surgiu no Brasil uma interessante alternativa política, denominada de movimento integralista, que combatia as ideologias de esquerda. O integralismo salvaria o país do empecilho do século XXI, ocasionado pela figura do judeu. A mocidade brasileira não mediria esforços para criar o novo Brasil integral, unindo-se, trocando valores e sentimentos que o regime liberal não permitiu. A democracia liberal era uma falsa democracia, que trazia a força dos pequenos grupos, aumentando ainda mais a ‘questão social’. O integralismo abriria o novo Brasil, de soma e união, trazendo a verdadeira ‘democracia orgânica’ – Estado Social Cristão, onde o trabalhador tivesse oportunidade, e, assim, pudesse se realizar como trabalhador e cidadão.

Neste contexto, Gustavo Barroso foi uma figura de relevo, autor de livros, de teor panfletário, que disseminavam o ódio à figura do judeu. Contrário à ‘anarquia do número’, à participação do povo na escolha e no regime político, seu projeto político visava a perseguição de judeus e simpatizantes dos regimes de esquerda. Em sua leitura de Brasil, as críticas à figura do judeu só têm sentido porque considera este como um sujeito inclinado à anarquia, que busca tomar o poder por meio dos pequenos golpes, merecendo a atenção do estado brasileiro.

Gustavo Barroso simpatizava com um ‘Estado forte’, de orientação fascista, remetendo-se às políticas de Mussolini e Hitler, que direcionava a ‘Totalidade’ de sua concepção política em detrimento aos desvios sociais e políticos, que pudessem colocar em xeque a ordem. Intelectual e político, com uma postura abertamente antissemita, Barroso endossou o imaginário tenebroso do judeu como o principal inimigo da nação, defendendo uma política de eliminação. Divulgando a teoria da conspiração, Barroso fez uso, de forma injusta, caluniosa e covarde, da imagem de um judeu parasitário, explorador, anárquico, sem amor a sua pátria, que faria a revolução na terra dos outros.

Dessa forma, as breves considerações sobre Gustavo Barroso colaboram para a reflexão do cenário atual do país – abrangendo desde práticas de perseguição e autoritarismo a práticas democráticas –, no qual se destacam suas particularidades, pois foi sempre um estado de ‘exceção’, conservador, de combate às massas. Diante de questionamentos e também de lacunas, ressalta-se a abertura para pesquisas que podem ser desenvolvidas pensando não no traço autoritário deste ou daquele intelectual, mas nas condições de uma nação que teve uma elite agrária como dona do poder, e que ainda reside na estrutura mental de nosso povo. Ui.

Referências

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Totalitarismo e revolução**: o integralismo de Plínio Salgado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BARROSO, Gustavo. **Espírito do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

_____. **Integralismo e Catolicismo**. Rio de Janeiro: Editora ABC, 1937.

_____. **Comunismo, cristianismo e corporativismo**. Rio de Janeiro: ABC, 1938.

_____. **Integralismo e o mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

_____. **Judaísmo, maçonaria e comunismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

_____. **Liceu do Ceará**. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 1989.

_____. **O Quarto império**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1935.

_____. **O que o integralista deve saber**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

BERTONHA, João Fábio. **O pensamento corporativo em Miguel Reale: leituras do fascismo italiano no integralismo brasileiro**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 33, n. 66, p. 269-286, 2013.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. **Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão (1933-1937)**. São Paulo: Annablume, 1999.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978. p. 11-20.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O antissemitismo na Era Vargas (1930-1945)**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **Preconceito Racial no Brasil-Colônia: os cristãos novos**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Sob a máscara do nacionalismo. Autoritarismo e antissemitismo na Era Vargas**. *Estudos Interdisciplinares de América Latina Y el Caribe*. v. 1, n. 1, p. 1-21, Enero-Junio, 1990.

CARONE, Edgar. **O Estado Novo (1937-1945)**. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

CHAUI, Marilena. **Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira.** In: CHAUI, Marilena & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. Ideologia e Mobilização Popular. Rio de Janeiro: Paz e Terra; CEDEC, 1978.

COSTA FILHO, Cícero João da. **Forças do Mal: os prejuízos 'raciais' da figura do judeu na produção integralista de Gustavo Barroso (1933-1937).** São Paulo: Ed. Todas as Musas, 2018.

CRUZ, Natália dos Reis. **O integralismo e a questão racial. A intolerância como conflito.** 2004. Tese (Doutorado em História) – UFF, Niterói, 2004.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Integralismo e Antissemitismo nos Textos de Gustavo Barroso na década de 30.** 1992. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

FERNANDES, Florestan. Prefácio. In: VASCONCELLOS, Gilberto. **A ideologia curupira. Análise do discurso.** São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 11-16.

GERTZ, Rene. **O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-27, 1988.

HILTON, Stanley. **O Brasil e as grandes potências. Os aspectos políticos da rivalidade comercial (1930-1939).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

HOBSBAWM, Eric. **Nação e nacionalismo. Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade.** Rio de Janeiro: Paz & terra, 1990.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. **Antissemitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: revisão e as estratégias da intolerância, 1987-2003.** São Paulo: UNESP, 2006.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia.** São Paulo: Pioneira, 1976.

LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito.** Rio de Janeiro: Imago, 1995.

MAIO, Marcos Shor. **Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento antissemita de Gustavo Barroso.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MAIO, Marcos Shor; CALAÇA, Carlos Eduardo. **Um balanço da bibliografia sobre o antissemitismo no Brasil.** In: GRINBERG, Keila (org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade.** São Paulo: Civilização Brasileira, 2005. p. 425-469.

MAIO, Marcos Shor. **Qual antissemitismo? Relativizando a questão judaica no Brasil dos anos 30.** In: PANDOLFI, Dulce. (org.). **Repensando o Estado Novo.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964).** 2000. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Brasil e os brasileiros: interpretações científicas/ Ensaio de caracterização.** Revista História, São Paulo, n. 129-131, p. 31-51, ago./dez. 1994.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **A evolução dos estudos sobre o integralismo.** Estudos Ibero-Americanos, Rio Grande do Sul, v. 36, n.1, p. 118-138, jan./jun. 2010.
PARENTE, Francisco Josênio Camelo. **Anauê – os camisas verdes no poder.** Fortaleza: EUFC, 1999.

RAGO FILHO, Antônio. **J. Chasin: a crítica ontológica do anticapitalismo romântico típico da “Via Colonial” – os integralismos.** Verinotio, local, ano V, n. 9, p. 187-220, nov. 2008.

RIBEIRO, Ivair Augusto. **O antissemitismo no discurso integralista no sertão de São Paulo. Os discípulos de Gustavo Barroso.** In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. (org.). **O antissemitismo nas Américas: Memória e História.** São Paulo: Fapesp, 2007.

ROSENFELD, Anatol. **Mistificações Literárias “Os Protocolos dos Sábios de Sião”.** São Paulo: Perspectiva, 1982.

SALGADO, Plínio. **Manifesto de Outubro de 1932.** Edição do Cinquentenário. São Paulo: Editora Voz do Oeste, 1982.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes.** In: SANTOS, Boaventura de Souza & MENEZES, Maria Paula. (orgs.). **Epistemologias do sul.** Coimbra: Almedina, 2009.

SILVA, Hélio. **1938: terrorismo em Campo Verde.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1976.

SORLIN, Pierre. **O antissemitismo alemão**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

TRINDADE, Hélió. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1979.

VASCONCELLOS, Gilberto. **A ideologia curupira: a análise do discurso integralista**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 89-112, 1993.